

Epidemias, pânico e a teoria da conspiração

Salma Regina Rodrigues Balista*

Campinas, 18/08/2009

Temos sido atingidos por uma boataria diária sobre a camuflagem da ocorrência de casos e mortes por Influenza A H1N1. Fala-se que os verdadeiros números não estão sendo divulgados e que mortes, inclusive de médicos, são escondidas.

O que causa desconfiança nos números de casos e mortes por Influenza A H1N1 divulgados por órgãos de saúde?

O conhecimento do número real de casos não será possível por diversas razões - pessoas que desenvolvem quadros brandos, não procuram pelo serviço de saúde, ou não recebem diagnóstico correto; hoje, casos que não são graves não são mais de notificação compulsória, como no início da epidemia e quando não havia transmissão comunitária no país; o sistema de saúde público e privado no país é heterogêneo e pode não garantir o acesso a todos os casos; e, ainda, qualquer doença é passível de subnotificação.

Para controlar essa doença, a notificação de todos os casos não é condição absoluta e imprescindível. Conforme o tipo de doença e a situação epidemiológica é possível definir e realizar ações de enfrentamento conhecendo-se parte dos casos, ou ainda, casos graves, como no caso desta epidemia. A partir do início da transmissão comunitária no país, em julho, o Ministério da Saúde re-ordenou as ações de notificação e investigação de casos para os casos de Doença Respiratória Aguda Grave, ou seja, casos graves, nos quais o vírus da Influenza A H1N1 pode ser o agente causador. Portanto, casos graves, incluindo óbitos, devem ser obrigatoriamente notificados.

Isso posto, conhecer um caso grave e não notificar as autoridades de saúde não é atitude esperada de um profissional de saúde que deve, sobretudo, trabalhar em prol da vida humana. E isso afeta a saúde coletiva. Não é provável, portanto, que isso esteja acontecendo.

A partir dos casos informados, as autoridades de saúde pública têm a responsabilidade de analisar as informações e tomar as medidas necessárias para o controle. A informação é o insumo básico para a tomada de decisão.

E, como se não bastasse, esconder mortes! O Sistema Único de Saúde tem como atribuição a vigilância e o controle de doenças e realiza investigação desses casos no país todo, ainda que possa haver heterogeneidade nos diversos estados e municípios. Campinas possui um dos melhores sistemas de vigilância em saúde e de informação de mortalidade do país. Todos os óbitos por causas que sugerem doenças de notificação compulsória são investigados. Há responsabilidades legais sobre a declaração de óbito que o médico preenche. Não se trata de ficção, em que é possível enterrar um cadáver no quintal sem que ninguém saiba!

Esses boatos que lançam dúvida sobre quem está escondendo os números dos casos poderiam ser motivados pela crise ética que atinge os poderes públicos no país e, por contiguidade, pode ser transferida para as autoridades de saúde pública, colocando em dúvida também o comportamento ético desses profissionais.

A facilidade de comunicação dos dias atuais permite que muitas informações sejam divulgadas rapidamente, mas muitos absurdos disputam nosso tempo e nosso cérebro, particularmente em relação à Internet. Essa facilidade de disseminação da informação proporcionada por esse meio também dificultaria a omissão de dados, caso fosse desejado. Além disso, a imprensa tem funcionado como canal de dúvidas e denúncias apresentadas por cidadãos, cobrando imediatamente e rotineiramente da saúde pública explicações, esclarecimentos e soluções.

Será que os danos causados pela censura e privação da liberdade ocorridas na ditadura vivida pelo Brasil nos retiraram também a capacidade crítica e o discernimento?

Ou ainda, fantasias baseadas em teorias da conspiração, nas quais haveria um plano diabólico de dominação por meio da omissão de informações, alimentam o cotidiano das pessoas, as motivam e as desligam da realidade? Ainda que já tenhamos sido privados de nossa liberdade e que possa haver outras situações de conspiração capazes de comprometer as atitudes mais refletidas, não é o caso dessa epidemia.

O SUS de Campinas tem trabalhado com absoluta transparência na comunicação com a sociedade a respeito dos problemas que afetam a saúde pública e com garantia do respeito à privacidade dos pacientes. Tem acontecido dessa forma quando se trata, por exemplo, de tuberculose, AIDS, rubéola, dengue, meningite e todas as outras doenças. Por que seria diferente com a gripe? Talvez o medo do desconhecido, da situação nova possa gerar a sensação de que a situação é de pânico. Mas a Secretaria de Saúde de Campinas não trataria essa epidemia de maneira diferente do que sempre fez com outras doenças. E, para isso, a informação é fundamental.

Essa onda de boatos atinge diretamente a honra de profissionais que trabalham com ética, agindo assim sempre para evitar ou diminuir o possível sofrimento decorrente de problemas que afetem a saúde dos indivíduos. E gera, sobretudo, insegurança e até mesmo pânico na população, além de não contribuir em nada para o enfrentamento da epidemia, que exige, além de conhecimento técnico, agilidade no desencadeamento de ações, intensa comunicação social e colaboração da sociedade.

Que prevaleça a razão!

**Enfermeira sanitária*

Coordenadora de Vigilância em Saúde de Campinas, SP